

Identificar relações lógico-discursivas entre partes de um texto, marcadas por recursos coesivos articuladores de relações de sentido (tempo, lugar, causa, dúvida, comparação, conclusão.)



História de sonho

Rachel de Queiroz

Esta noite sonhei com Portugal. Queria saber contar sonhos, porque foi um sonho bonito. O medo que a gente tem (embora na aparência se trate apenas de um sonho inocente e até lírico), o medo são os amigos interpretadores, capazes de tirar uma história de sete cabeças do sonho mais inofensivo. Hoje em dia não há quem não tenha as suas tinturas de psicanálise e não entenda de sonhos; e o resultado é que ninguém mais sonha com receio dos freudistas. E quanto bom palpite, quanta centena e milhar de sorte por culpa disso não se perderá?

Pois como dizia, sonhei com Portugal. Não via mapa, nem letreiro, nem explicação formal, mas que era Portugal, não tinha dúvida. A gente ia num barco por um rio tranquilo, muito largo e com pedras à margem. E aos poucos se avistava uma cidade ou aldeia com casas antigas, abarracadas, subindo um morro; e eram tantos os pomares que de repente o rio se afundava entre as árvores e se virava num riachinho à toa; depois já não tinha riachinho, nem barco, nem nada, a gente estava dentro de uma das casas do lugar, na sala grande com móveis pesados de talha, e umas cortinas vermelhas de veludo. E na sala estavam duas velhas e um velho, sendo que uma das velhas se sentava numa cadeira de balanço e tinha um gato branco no colo. Os três falaram comigo, e eu sei que me sentia mal por haver penetrado ali naquela sala particular e tão tranquila sem pedir licença, mas a velha de pé me tranquilizou — talvez dissesse que era costume receberem turistas; a velha sentada não dizia nada, continuava se embalando e sorrindo. Depois os três iniciaram uma história, mas era muito aflitivo porque eu não conseguia entender quase nada do que eles diziam; só me dava a impressão de que era fala das fitas de cinema português, cujo diálogo a gente nunca sabe se compreende tão mal porque é mesmo difícil de entender a língua deles ou se é porque o aparelho de som está ruim. Aliás, lembrando bem, eles falavam mesmo com voz de cinema, tinha até uma música de fundo. E aí eu perguntava à senhora da cadeira de balanço quanto é que custava uma casa naquela aldeia — assim bonita e antiga como aquela. E ela respondeu um preço que não recordo, mas que achei muito barato; se bem que a velha falasse em escudos — mas decerto no sonho eu entendia de câmbio de escudos, porque só o que me espantou foi a barateza do preço. Fiz então umas contas de cabeça, calculei que vendendo isto e aquilo aqui no Brasil dava para comprar aquela casa. Sim, aquela. Com a intensidade maior da minha vida, embora eu não tivesse coragem de o dizer às velhas, assaltara-me a cobiça de ser dona da casa delas, daquela e nenhuma outra — com aqueles móveis, e a pequena escada sumida na sombra da sala grande, e os três velhos e a cadeira de embalo com o gato branco.

Nesse ponto o sonho entrou a escurecer e a confundir, esfumou-se em *fade out* e não sei se acordei logo, ou se caí num sono pesado e sem consciência de nada. Só sei que me levantei de manhã com o mesmo desejo no coração, e por mais que as horas se passem ainda tenho presente na lembrança as mãos claras da velhinha, e a vista que se enxergava da janela e o soalho da casa de tábuas areadas e bem largas.

Conto este sonho à toa. Mesmo porque, diz que é tolice contar sonho. Mas diz também o povo que a gente não contando ele não acontece. E a verdade é que eu queria satisfazer este sonho, descobrir aquela casa, aquele rio, aquelas velhas. E conversar outra vez com elas, prestando bem atenção, para consertar esta angústia de não ter entendido as palavras que

elas me disseram com o aparelho do som funcionando tão mal. Porque parece que era coisa importante, coisa essencial que eu ouvisse e entendesse. Depois o desejo de ver Portugal. Embora, como já foi dito acima, ninguém me dissesse que era Portugal — não tinha placa explicando, nem vinhedos, nem trigais, nem cachopas. Só sabia que aquilo era Portugal, uma espécie de Pasárgada de identificação absoluta no meu coração. E por sinal, quando o rio se estreitava em riacho e se metia entre pomares, as árvores eram tão densas e sombrias que mais parecia a mata amazônica. Mas não adiantavam esses disfarces amazônicos, pois com árvores ou sem árvores, nem um segundo deixei de saber que aquilo era Portugal mesmo, país onde nunca estive e que talvez morra sem ver. E também agora me lembro que não teria areias — ou teria? À margem do rio, teria praias de areia, areias de Portugal? Ou talvez não as tivesse, porque afinal de contas sonhei com rio e não com mar. E as areias de Portugal são as areias do mar.

Também ninguém pense que estou inventando um apólogo, que no fim haverá uma moral ou uma explicação. É um sonho e nada mais, naturalmente anárquico e sem sentido. Já falei que o conto à toa — fazendo um papel que nunca fiz, imagine contar sonho, tanta tolice sem sentido. Mas me deixou melancólica e cheia de saudades, incapaz de escrever coisas sensatas, como seria da minha obrigação. E o fato é que não consigo tirar da cabeça, nem a casa velha, nem as senhoras idosas, nem o gato branco e a cadeira. Sempre fui pessoa de poucos sonhos, acordados ou dormidos. Sempre me satisfiz com o meu pedaço de pão e jamais cobicei a galinha gorda dos outros. Mas me parece que hei de morrer de paixão se não comprar um dia aquela casa. Pois tanto a casa como a sala hão de existir em algum lugar, não acredito que o meu sonho as inventasse assim, lhes erguesse as paredes caídas, e compusesse os florões dos móveis de talha, e até as franjas de borlas das cortinas vermelhas. E as velhas, então, as velhas. Ah, esqueci de dizer que o velho sumiu, no próprio momento em que falavam a conversa que não consegui entender: de repente só se viam as duas senhoras, não havia mais o velho debruçado à janela que cheirava a jasmim. Também esqueci de contar este detalhe da janela com o jasmim. Era uma das coisas mais agradáveis dali aquele jasmim-estrela miúdo e de cheiro, cuja massa verde se amontava contra a parede do oitão, desprendendo galhos finos janela adentro. O gato não miava nem se movia; nem sequer ronronava, agora recordo bem. Quem sabe se estava morto ou empalhado? E, meu Deus, será azar sonhar com gato empalhado? O que vale é que embora empalhado ou morto, era branco e não preto. Azar de gato preto não precisa ninguém dizer, é coisa sabida e antiga. Branco, não; branco, sendo o contrário do preto, naturalmente dá sorte, vivo ou morto, que isso de vida e de morte não faz grande diferença em matéria de azar.

E pode ser muito bem que, sendo caso de intuição, ou segunda vista, ou lembrança subconsciente — sei lá, há muitos nomes para essas coisas — talvez alguém conheça o lugar ou as pessoas e queira me contar onde fica. Alguém que tenha paciência de ler isto tudo até o fim. Quem não tiver paciência de ler, o que é justo, mude a vista; há muita coisa no jornal, tanta colaboração de primeira; passe adiante que ninguém repara, nesse ponto o país ainda é livre, pessoa nenhuma é obrigada a ler o que não gosta, graças a Deus.

RESPONDA:

1) Qual é a relação estabelecida pelos termos destacados no trecho “E ela respondeu um preço que não me recordo, mas que achei muito barato...”?

R. _____

GABARITO.

RESPOSTA:

1) Qual é a relação estabelecida pelos termos destacados no trecho “E ela respondeu um preço que não me recordo, **mas** que achei muito barato...”?

R. "e" como se fosse uma suposição "mas" como se fosse uma adição